



ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL JOÃO SPADARI ADAMI

Unidade Banco de Memória Oral

Síntese da entrevista com Paulo de Tarso Carneiro

BR.RS.AHMJSA.BMO.01.01.012.001.SIN

Entrevistado/a: Paulo de Tarso Carneiro

Entrevistador/a/es: Sônia Storchi Fries e Orlando Michelli

Tema: Regime Civil Militar (1964-1985)

Data: 13 de dezembro de 2013

Local: Caxias do Sul

Origem familiar:

A infância transcorreu em Alegrete (RS). O pai trabalhava na viação férrea e era uma liderança junto aos trabalhadores. O interesse precoce pelo contexto político teve origem no ambiente familiar: o pai getulista atuou no Partido Social Democrático (PSD); e a mãe, bastante católica, manifestava a preferência pela União Democrática Nacional (UDN). Na infância, Carneiro acompanhava a família nos comícios políticos. Além disso, o entrevistado foi coroinha e cultivava o gosto pela leitura.

Em 1954, após o falecimento da mãe, a família mudou-se para o Bairro Navegantes, em Porto Alegre (RS).

O falecimento do pai em 1956 ensejou um período de dificuldades financeiras à família na capital.

Formação escolar e universitária:

O primário foi realizado no Colégio Osvaldo Aranha, em Alegrete (RS).

Na capital, estudou no Colégio Luterano da Paz, na Escola Protásio Alves, onde dava aulas particulares de matemática aos colegas, e no Colégio Estadual Júlio de Castilhos, o “Julinho”.

O entrevistado destacou a importância da irmã nos estudos, nas leituras, na educação e na formação.

Em 1968, iniciou a Faculdade de Filosofia na Universidade de Caxias do Sul (UCS), porém não concluiu o curso.

Possui a formação em Direito pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Atividades profissionais:

Realizou concurso público em Porto Alegre (RS) e trabalhou no Pronto Socorro. Foi funcionário do Sulbanco, na capital, e do Banco do Brasil (1966), com atuação em Garibaldi (RS). Após a anistia, retornou ao Banco do Brasil, onde trabalhou até a aposentadoria (1991).

Trabalhou no gabinete de Tarso Genro (1993-1997) e de Raul Pont (1997-2001), do Partido dos Trabalhadores (PT), durante as respectivas gestões na prefeitura de Porto Alegre. Foi diretor de operação portuária no governo Olívio Dutra (1999-2003), e Diretor de Portos, no primeiro governo do então presidente Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2006).

Militância estudantil e política:

Ainda muito jovem, o entrevistado manifestava interesse pela militância dos comunistas Joaquim Felizardo e Joais Carlos Gomes, atuantes na zona portuária da capital.

A realização do Científico no Colégio Júlio de Castilhos: a militância política, o contato com militantes do PCB e do PCdoB, os debates de cunho político, o auxílio aos colegas com dificuldades de aprendizagem, o apoio do colega adulto José Morsch, a importância da escola na formação e na militância.

Os questionamentos existenciais em sua juventude perpassavam temas como: fé, religião e política. Nesse período, o entrevistado filiou-se ao Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) e participou da campanha política do candidato Leonel Brizola ao governo do Rio Grande do Sul. Na década de 1960, atuou no Sindicato dos Bancários.

Faculdade de Filosofia (1968) na Universidade de Caxias do Sul: a organização da “passeata dos bichos”, com conteúdo de crítica ao regime instaurado pelos militares; a importância de professores como Gerd Bornheim e o estudo da dialética; a formação do grupo de estudos políticos e sociais com as colegas Helena Rodolphi e Luli Skrebsky; a atuação no diretório acadêmico; a ligação com o movimento estudantil de Porto Alegre.

A União Nacional dos Estudantes (UNE) e o congresso em Ibiúna (SP): a participação dos universitários caxienses Nelson Piletti, Nilton Brand, Paulo Carneiro de Tarso, Gema Zorzi; o contato com os grupos políticos Ação Popular, Comando de Libertação Nacional (COLINA), VAR Palmares, Partido Operário Comunista (POC); a prisão e o cadastramento dos estudantes.

O retorno ao Rio Grande do Sul: o contato com o advogado Carlos Araújo e os primeiros contatos com a VAR Palmares. A participação no encerramento do congresso da UNE, em Porto Alegre, na Igreja Nossa Senhora da Piedade.

A militância na VAR Palmares:

O entrevistado participou da formação do grupo em Caxias do Sul. As reuniões enfatizavam a reflexão política, a necessidade de um trabalho voltado à formação da consciência política operária, bem como a pesquisa sobre o pensamento do operariado em Caxias do Sul e a elaboração do documento com essa análise. A repercussão desse documento na VAR Palmares estadual levou a rediscussão da direção do grupo.

Na capital, o grupo reunia-se em um “aparelho” no final da Rua Treze de Maio, na “Casa dos Seminaristas”. Em Caxias do Sul, o “aparelho” da VAR localizava-se na Rua Vinte de Setembro, ao lado da antiga Companhia Riograndense de Telecomunicações. Militantes como Inácio Mafra, Edmur Péricles Camargo, Paulo Telles Franke, Gustavo Buarque Schiller - o “Bicho”, e Dário Viana dos Reis utilizaram esse local.

Assalto ao Banco do Brasil de Viamão em março de 1970: após identificar os militantes e encontrar o carro utilizado, a polícia chegou ao grupo da VAR que atuava em Caxias.

A viagem a Porto Alegre, em abril de 1970: a percepção do desaparecimento e da prisão de companheiros da VAR; o retorno e a prisão em Garibaldi; a solidariedade dos colegas de trabalho; a prisão da companheira Helena na capital.

Prisão e tortura:

A prisão do entrevistado ocorreu no dia seis de abril de 1970, durante o expediente no Banco do Brasil, com cerca de quinze policiais (entre civis, brigada militar e polícia federal) e a presença de Nilo Havelha, do delegado Melgaré e do “Mineiro”. Após a invasão dos policiais ao apartamento em Garibaldi, Carneiro foi levado algemado a Caxias do Sul, onde permaneceu na Delegacia de Polícia, sofrendo torturas leves, até o deslocamento a Porto Alegre. A viagem a capital transcorreu sob pressão psicológica devido a constantes ameaças.

O Departamento de Ordem Política e Social (DOPS) e os torturadores: Major Átila Rohrsetzer, Pedro Seelig, Nilo Havelha, Marco Aurélio dos Reis, Major Paulo Magalhães, Coronel João Oswaldo Leivas Job.

A tortura: o pau de arara, os choques elétricos, a “maricota”, os socos, os pontapés, a “dança de São Guido”, a tortura psicológica, a exposição da tortura de companheiros, a queima com pontas de cigarro, os interrogatórios, a humilhação e o sofrimento.

Relato sobre alguns dos militantes torturados: Airton Frigeri, Paulo Telles Franke, Charles Scheirer (Chael), Dalila, Maria Auxiliadora Lara Barcellos, Frei Tito de Alencar Lima.

A vida em liberdade:

Em liberdade, Carneiro era obrigado a assinar presença na auditoria e também era vigiado constantemente. No mercado de trabalho, enfrentou dificuldades para reinserir-se devido à condição de ex-presos políticos. Apesar da aprovação em concursos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e da Viação Aérea Riograndense (VARIG), não foi admitido pela apresentação de certidão positiva.

As torturas sofridas deixaram inúmeras marcas: as doenças psicossomáticas, a lembrança constante, a necessidade de tratamento psicológico, as enxaquecas e os pesadelos.

O trabalho como vendedor da empresa Renner: as dificuldades iniciais, o aprendizado e o crescimento.

A demissão do Banco do Brasil e a solidariedade dos colegas de trabalho. O retorno ao Banco do Brasil, após a Anistia, e a aposentadoria pelo mesmo local em 1991.

O trabalho na Prefeitura de Porto Alegre na administração de Tarso Genro (gabinete) e de Raul Pont (gabinete e departamento dos portos). O trabalho no governo de Olívio Dutra (Diretor de Operação de Portos).

A participação no governo do Presidente Luís Inácio da Silva como Diretor dos Portos.

Considerações sobre a tortura e sobre o perdão aos torturadores.